A maior tiragem de todos os semanarios portuguezes

ANO II - NUMERO 77 | PREÇO AVULSO 1 ESCUDO | 16 PAGINAS

O DOMINGO ilustrado

SEMANARIO
R. PEDRO V-18
TELEF. 631-N. LISBOA

AGENTES EM
TODA A PROVINCIA
COLONIAS E BRAZIL

NOTICIAS E ACTUALIDADES GRAFICAS - TEATROS SPORTS E AVENTURAS - CONSULTORIOS E UTILIDADES

O crime monstruoso e hediondo do Casal da Mata

Quem matou?

Eis a recomstituição do crime, na scena horrivel dos ovos, tal como a fez o facimora "Barriga, acusando os Ivos. Quem mente A nossa habil policia o descobrirá.

O DOMINGO *ilustrado*

ANO II — N.º 77

LISBOA 4 DE JULHO DE 1926

PROPRIEDADE DA EMPREZA O DOMINGO *ilustrado*

DIRECTORES: LEITÃO DE BARROS E MARTINS BARATA

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E OFICINAS—R. D. Pedro V, 18—Tel. 631 N. — CHEFE DA REDACÇÃO HENRIQUE ROLDÃO—EDITOR JULIO MARQUES—IMPRESSÃO—R. do Seculo, 150

ESTE NUMERO FOI VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

ECOS

Eco sem comentarios

De um colega recortamos este elucidativo registo dos vencimentos que o sr. Azevedo Coutinho, antigo alto comissario, cobrou:

Vencimento anual	Esc.	665.640$00
Despezas de representação .	Lib.	1.500
Reparações de automoveis . .	Lib.	1.050
	Esc.	30.000$00
Ajuda de custo diaria	Lib.	10

Ao cambio de 95$00 a libra, o sr. Coutinho, antigo e humilde lente da Escola Naval, ao «rebentar» da Republica, recebeu a bonita «queijada» de 1.279.890$00!?

Mas não fica aqui.

Antes de partir para Moçambique, o melifluo cavalheiro, tão sereno sempre que ninguem nunca o ouviu no parlamento, fez uma rija passeata por Paris e Londres, com o vago pretexto dum emprestimo, gastando em quatro mezes o melhor de 10.000 libras esterlinas ou sejam 950.000$00.

Quere dizer: é um «gabiru» que custou só esta coisa ridicula: 2.229.890$00 em pouco mais dum ano, sem ter feito rigorosamente nada.

Ora digam lá com franqueza: quem era ahi dos senhores que se não faria de.. ocratico, se lhe exigissem um tão grande «sacrificio» em «nome dos mais altos interesses» da Patria?

A Camara militar

Norberto de Araujo — jornalista tão brilhante sempre e tão pessoal — marcou uma atitude que aplaudimos incondicionalmente, em face da nova vereação de Lisboa. O seu soberbo comentario de 5.ª feira no *Diario de Lisboa* deve ser lido e meditado. O Municipio é a primeira expressão do povo.

Meia duzia de fardas, por ilustres que sejam, arranjadas com uma ordem de serviço, não o podem representar.

Onde estão ali os artistas, para pôr gosto e intenção no arranjo de Lisboa?

Onde está ali a fé, o entusiasmo, a pena que escreva um artigo de propaganda da cidade?

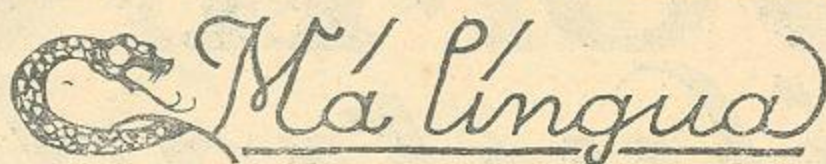
Onde está, nessa meia duzia de militares, uma afirmação, de planos concreta e anterior, — se exceptuarmos o bosque do Sr. Vicente de Freitas, que nunca pode ser de imediata realisação? Não. A nova camara nada fará, a menos que tenha junto de si a Alma de Lisboa — e essa . . . é paisana!

«Homens do dia e mulheres da noite»

Com este titulo sugestivo de tantas ideias, deu á luz um robusto livro o nosso querido Reinaldo Ferreira, o conhecido e apreciado Reporter X, colaborador de *O Domingo*. Mais não é preciso dizer. O livro esgotar-se-ha em breve.

NO TALHO

—Olhe, eu quero meia duzia de mãosinhas de carneiro' sim?
—Sim menina: vou tirá-las todas do mesmo animal!

Má lingua

Versos censuraveis...(?)

VAIDADE

Perdidas pela abobada infinita
vógam legiões de mundos habitados
onde, escrava de anceios ignorados,
uma distante multidão se agita.

E quem sabe a ventura ou a desdita,
os sonhos, os ideaes desencontrados
hora a hora perdidos e alcançados
em cada estrella que no céu gravita!

Póde bem ser que ao mundo em que vivemos
Deus recusasse muitos dons supremos
que a muitos outros astros concedeu.

Luz das estrellas! Pallidez da lua . . .
. . . . .
Ha lá bocca nenhuma, egual á tua,
a que se prenda um beijo egual ao meu?

A EMBALAR . . .

Tu não te sentes bem. Andas cançada.
Trazes no olhar um sulco de tristeza.
Qualquer coisa te ennerva, com certeza.
Não. Não te quero ver assim magoada.

Tiro as flores que puz em cima desta meza.
Sim. Perturba-te a ambiencia perfumada.
Cerro um pouco a janella? A luz velada
tem o encanto amoroso da incerteza . . .

Que olheiras, meu amor! Vincam-te a cára.
Senta-te aqui ao pé de mim. Repára
na dôce paz deste silencio enorme . . .

Vem. Embala-te o berço dos meus braços,
Enlaça-me á cintura os braços lassos . . .
Pousa a cabeça no meu hombro . . . Dorme . . .

TEMPO PERDIDO

Ensinaste-me a crer que o desalento
succedendo á illusão desvanecida,
de quantas nuvens vão toldando a vida
era o maior e o mais cruel tormento.

Ensinaste-me a ver que o sentimento
é tal qual uma ingreme subida
que a gente sóbe ás vezes num momento
para descer depois por toda a vida.

Oh meu amor! A nossa phantasia
é como o deambular da ventania . . .
Nunca encontra horisonte que lhe baste!

Beijaste-me . . . E na chamma desse instante
dispersou-se impalpavel e distante
a negrura das leis que me ensinaste! . . .

AO LEITOR . . .

A' falta de outro assumpto palpitante
de maior vibração e melhor cor
que a minha inspiração periclitante
apanhasse do chão como uma flor;

afflicto, e mais que afflicto inda hesitante
quanto ao criterio certo do censor,
aqui tracei, neste rincão distante,
trez chochas expansões do meu amor.

Creio que este inda é livre (salvo seja!);
que, para não clamar o que deseja
ninguem amordaçou a creatura . . .

E em geral, — fóra e longe do governo —
estes deslises de peccado terno
encontram mais Applauso que Censura . . .

Parada de Gonta — Junho 1926

TAÇO

ECOS

Hemem Cristo, filho

O sr. Homem Cristo, filho, é, ha muitos anos, o verdadeiro ministro de Portugal em Paris, para tudo o que diz respeito á introdução dos artistas portugueses nas altas regiões da vida e da civilisação francesas.

Devem-se-lhe assinalados e inesqueciveis serviços. Ao passo que os nossos burocratas diplomatas, enviados pelo ministerio dos Estrangeiros, áparte excepções que se apontam a dedo, fazem uma vida mediocre e insossa, de provincianos novos-ricos, o sr. Homem Cristo é o estrangeiro que em Paris tem a situação mais brilhante e frequenta o grande mundo, como um grande francês. Ao sr. Homem Cristo, a quem aliás nem de vista conhecemos, crêmos vai ser entregue uma missão de propaganda portuguêsa em França. Ninguem melhor a pode cumprir.

Artritismo

Certo calista, ao tratar-nos dos calos a semana passada, emquanto ia cortando as peles comentava:

—Afinal se não fossem as botas, não havia calos.

—E' tudo uma questão de atrito... E depois duma pausa, continuou: O maldito *atritismo* é o causador de muitas doenças . . .

questão prévia

NÃO quero desmentir a informação do ultimo «Domingo»: com efeito, vim de França. Sucede isto a toda a gente, pelo menos uma vez na vida, mas se ha desculpa para essa vez, por ser a primeira, não ha perdão nem justificações para a segunda, a terceira, a quarta, etc. Porque a França, minhas senhoras e meus senhores, é como certos paizes de lenda, uma terra donde se não deve voltar... emquanto houver francos no bolso.

Estou a vêr o sorriso torcido e ironico do leitor, supondo já que eu, como tantos outros, deslumbrado pelo Bois, desdenho da beleza do nosso clima e digo mal do mosteiro dos Jeronimos. Felizmente, nem sou daqueles patriotas que abotoam as cuecas ao som do hino da Restauração, nem daqueles incuraveis idiotas para quem o «boulevard», formigando de cortezãs baratas, representa o «expoente maximo» da civilisação. «Est modus in rebus», como em tais circunstancias diria Cicero, á porta da Havaneza, em Roma, 2000 anos A. M. (ou seja, antes de Mussolini). Paris, para mim, não é a melhor, nem a maior: é simplesmente a cidade de em tamanho natural. E é precisamente a harmonia das suas proporções o que encanta e atrai na urbe francêsa, com cujos esplendores sonham todos os portugueses maiores de doze anos, fantasiando-a por forma que é inevitavel a decepção das primeiras horas de «boulevard».

O que caracterisa essencialmente a cidade é a paradoxal situação dos seus habitantes, vivendo cotovêlo com cotovêlo nos estreitos recintos urbanos, mas gosando cada um duma magnifica independencia. A diferença entre Paris e Lisboa não está só na pavimentação e limpeza das ruas nem na monumentalidade das edificações. Reside principalmente nisto: em Paris, cada pessoa vive a vida que pode ou quere viver; em Lisboa, tem de viver como os outros querem, dourando a sua pobreza, mascarando as suas necessidades, mesmo disfarçando a sua abundancia. Se eu em Paris, no mesmo dia, almoçar por cem francos e jantar por cinco, ninguem se preocupa com isso, nem sequer do facto toma conhecimento. Mas se em Lisboa fôr comer de manhã ao Tavares e á tarde ás Iscas, no dia seguinte todos os «meus amigos» me lamentam, porque tenho a vida atrapalhada, não se esquecendo de acrescentar, com aquela bossa critica com que todos nós vimos ao mundo, que sou uma creatura sem a mais pequena noção do que seja governar a vida.

Dir-me-ão que em Paris ha tres milhões de habitantes e que em Lisboa ha só seiscentos mil. Pois sim, mas são seiscentas mil pessoas conhecidas, são um milhão e duzentos mil olhos a espreitarem a vida de cada um, insaciavelmente.

Escusado será dizer-lhes que fui aos teatros e que vi, nesses recintos de arte e prazer, duas coisas de que andava esquecido: artistas e publico. Vi representar sem ponto e vi aplaudir sem claque. Peças com centenas de representações apresentavam a frescura duma «première». Sobre interpretação, tive a impressão nitida de que os artistas, em França, não se limitam como os nossos, a ter muito talento: preocupam-se principalmente com ter e mostrar uma grande probidade profissional e artistica.

Como é obvio, não estabeleço paralelos sobre este assunto, entre as impressões que trouxe de França e as que tenho dos nossos palcos. Simplesmente lhes direi que, voltando de ver representar em Paris uma peça em cuja tradução portuguêsa, para breve anunciada, sou cumplice, fui solicitado pelo ensaiador para não assistir aos ensaios de apuro, porque a presença do tradutor intimidava ou enervava alguns artistas interpretes da obra. Não sei se em França o caso se daria, mas a verdade é que eu tenho a impressão de que lá, como na Espanha e em outros paizes onde o saber ler e escrever não é considerado uma prenda, a colaboração estreita e permanente entre actores e autores se tem como indispensavel ao bom exito de qualquer trabalho.

Cá parece que não é assim.

Deve ser para comentar certas anomalias que se inventaram na lingua portuguêsa varias palavras, cuja vibração de consoantes repetidas dá a expressão onomatopaica da mais justificada indignação.

NO QUARTEL

—Se tu não bebesses, rapaz, já podias ser cabo! . . .
—Sim, meu capitão, mas eu quando estou com a pinga até me sinto general! . . .

Publicidade

Pinto & Silveira, L.da

145, RUA DO OURO, 149 — loja e 1.º andar
Telefone 4141 C.

Robes de Ville, Manteaux et Tailleurs

SEMPRE AS ULTIMAS NOVIDADES PARISIENSES

Fatinhos á marinheira e ingleza para meninos

EM STOCK PARA TODAS AS IDADES

Alfaiataria para Homens

TECIDOS INGLEZES
E NACIONAES
PREÇOS SEM COMPETENCIA

ARTIGOS DE NOVIDADE

OS NOSSOS PREÇOS ACOMPANHAM SEMPRE A BAIXA CAMBIAL

UMA VISITA AO NOSSO ESTABELECIMENTO

Vestido em georgette bordado a seda

PREÇO 500$00

Vestido sport em popeline com barra

PREÇO 360$00

Vestido em crepe da China fantasia

PREÇO 450$00

Vestido em crepe Saten bordado

PREÇO 530$00

CONFRONTEM OS NOSSOS PREÇOS E VISITEM AS NOSSAS SECÇÕES

Fato á marinheira para todas as edades
Desde 150$00

Fato á ingleza em bons cheviotes desde
130$00

Fato completo para passeio
Preço de reclame 298$00

Publicidade

Automoveis "PEUGEOT"

LA GRANDE MARQUE NATIONAL FRANÇAISE

Volta da França (4:000 kilometros. Novo triumpho do PEUGEOT que ganhou esta durissima prova sem um unico ponto de penalisação, tal como em 1922/1923, 1914 e 1925.

É preciso conhecer bem as exigencias do regulamento d'esta prova para se poder calcular o valor d'esta nova victoria.

Os carros de maior confiança para as estradas portuguezas, os mais economicos e mais rapidos.

Para prompta entrega carros de 5/12—10/24—11/35 e 15/35 HP., (este ultimo com motor *á culbuteurs*).

A marca de reputação mundial cujos "records" se torna impossivel enumerar.

AGENTES GERAES PARA PORTUGAL E COLONIAS:

A. Contreras, L.da

AVENIDA DA LIBERDADE, N.º 169 — LISBOA

Deite os remedios fóra

PARA TER SAUDE, BEBA SÓ

Aguas de Castelo de Vide

a melhor agua medicinal de mesa em garrafões de 5 litros

Alivio imediato nas doenças de

Estomago, Intestinos e Figado

Pode ser tomada com vinho ás refeições como excelente bebida

Empreza das Aguas Alcalinas Medicinaes de Castelo de Vide

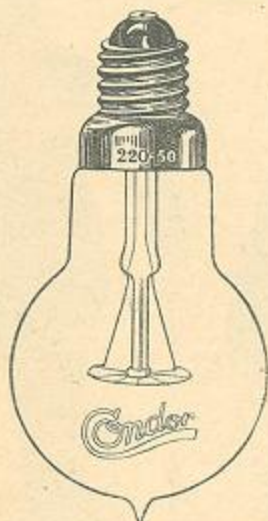
RUA DO ALECRIM, 73

Tel. 4166 C. DISTRIBUIÇÃO AOS DOMICILIOS

É A LAMPADA MAIS RESISTENTE E A

MELHOR

75%

MAIS ECONOMICAS

EXIJAM A MARCA

A' VENDA EM TODAS AS BOAS CASAS DE ELECTRICIDADE

Empreza Comercial de Maquinas e Electricidade, L.da

MAQUINAS INDUSTRIAIS

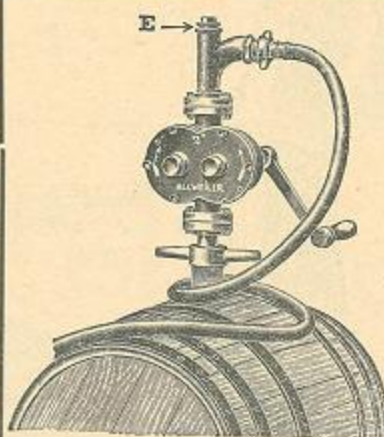
MOTORES — ACESSORIOS

MATERIAL ELECTRICÒ

(Fabrica de cobertura de fio)

Motores electricos e dinamos da «Société Anonyme d'Électricité Gau»

Rua da Palma, 225-235 — LISBOA

Telegramas D YNAMICA Telefone 3580 N

BARROS & SANTOS

RUA DO OURO, 234 A 242

ENORME SORTIDO DE

ARTIGOS DE CAMISARIA

TECIDOS DE ALGODÃO E SEDA

ATOALHADOS MALAS

E ARTIGOS DE VIAGEM

CHAPELARIA, ETC., ETC.

NO MEZ DE JULHO SALDOS DE FIM DE ESTAÇÃO

Humorismo

crónica alegre

A minha travessia do Atlantico

Os meus conhecimentos sobre navegação maritimas não iam além de uma modestissima viagem até ao Barreiro e da leitura das «Vinte mil leguas submarinas». Sabia tambem que a historia dava a sua palavra de honra que quem tinha descoberto o caminho aquatico para a India era um ratão conhecido pelo «sobriquet» de Vasco da Gama e alem disso tudo, que:

... Mais vale andar no mar largo
Que andar nas bocas do mundo

De sorte que, quando os vizitantes foram postos no olho do mar e o navio principiou a afastar-se da terra, o meu primeiro pensamento foi que me encontrava em completo estado de ignorancia em tratos de navegação e, consequentemente, a coisa ia ser falada.

Pelos meus calculos, quando já ia com trez horas de caminho, o meu dever, como viajante que se presa, era enjoar na medida das minhas forças. Assim, mal reparei que já era tempo de sentir as delicias do maieio, cheguei-me para a amurada do navio, pronto a ajudar o estomago na dificil tarefa de aumentar o tamanho do mar, com a minha quota parte de combustivel.

Mas, fatal desilusão! Por mais que fizesse força, o estomago continuava perfeitamente normalisado, faltando ignobilmente á sua obrigação.

Farto de teimar, resolvi aplicar o contra-veneno ao aparelho digestivo e fui jantar, trabalho que o meu apetrecho gerador aprovou por unanimidade.

Findo o jantar, percebi que não me sentia nada bem. Sorri, satisfeito. Finalmente, o meu estomago decidia-se a não me deixar ficar mal com a minha consciencia de viajante e a solidarisar-me com os demais camaradas que já dançavam o tango pela amurada.

Puz uma das mãos na testa e ia a decidir-me, quando notei que me tinha enganado. Afinal a maleita que me atazanava era simplesmente... sono! Aborrecidissimo com aquela falta de cortezia por parte do meu gastador de bicarbonato, resolvi subtrair-me á troça dos que cumpriam o seu dever de navegadores, com todas as praxes, de mãos na barriga, olhos revirados e suspiros de aflição, e fui deitar-me, facto que foi severamente notado por toda a comparsaria da primeira classe!

* * *

Para mais facilmente o leitor acompanhar as peripecias desta viagem, passo a transcrever algumas paginas do meu diario, a que puz o modesto titulo «*Noticia circunstanciada da rota seguida pelo navio «Meduana», dos muitos casos que do mesmo navio foram vistos, e do mais que a tal respeito se escreveu para gloria das letras e honra do seu autor.*

* * *

1 de Abril. — Acordo. Vejo a data, e como é o dia das mentiras não acredito que estou a bordo. Em vista desta atitude, almoço e durmo, sucedendo-me precisamente o mesmo quando acabo de jantar. E não ha maneira de estar enjoado!

2 de Abril.—Afinal, já estou convencido de que vou a bordo. Cheguei a esta convicção depois de reparar que habito um navio e que em volta do mesmo só há agua, que, pelos meus calculos, deve ser salgada.

A bordo viaja tambem um gramofone, que logo de manhãzinha mia que é um louvor a Deus! E de enjôo nem sinal!

3 de Abril.—Estive seis horas na prôa a ver se descortinava uma baleia. Só desisti quando me disseram que baleias por aquelas paragens, só a dez mil milhas de distancia.

O gramofone não me larga os ouvidos, apezar de eu já lhe ter roubado todas as agulhas.

4 de Abril. — Continuo a sofrer imenso com a falta de enjôo. Os outros passageiros olham-me com sorrisos de môfa! Para me vingar, enjôo ao contrario, não perdendo refeição alguma.

A' tarde tive um ameaço de pneumonia letargica por causa do gramofone.

Estou convencido de que eu e ele somos os unicos que não enjoamos!

5 de Abril.—O mar tem uma côr que parece feito com papel quimico.

Aparecem uns pardaes que me dizem dar pelo nome de peixes-voadores. Em Portugal chamam-se gafanhotos, e estão com sorte.

Fico a ve-los saltar sobre as ondas, mas de repente o gramofone começa a cantar e os peixinhos fogem espavoridos.

6 de Abril.—O dia de hoje foi igual ao de ontem, só com a diferença de ter outra data e do gramofone não descançar. Alguns passageiros da 2.ª classe adoecem e o medico afirma que é da mudança do tempo. Intimamente estou convencido de que se trata de uma intoxicação provocada pela maquina de moer discos.

7 de Abril.—Manhã. Chegamos a Dakar. Em terra ha pretos de todas as côres. Apeio-me e quando ponho o pé em terra (ó suprema surpreza) sinto-me enjoado! Quasi que volto em braços para bordo, mas, mal topo navio firme, passa-me a doença!

Afinal o enjôo era derivado da essencia de preto, perfume muito uzado em terras de Africa e que tem feito a fortuna de uma data de «Cttys».

8 de Abril.—Cá vou outra vez em cima de agua e nem boia a respeito de terra! O gramofone que em Dakar deliberou dormir, acordou cheio de vigor e de corda!

9 de Abril.—O calor é tanto que o mar até súa!

10 de Abril.—Consegui partir a corda do gramofone, mas um passageiro muito habilidoso arranjou-a de novo! Ando agora com a preocupação de ver uma tempestade! Afiançaram-me que as tempestades por estas paragens são autenticas e quasi sempre pregam com o mar em terra!

11 de Abril.—Pernambuco! E' claro que vou ver a cidade. Entro num *restaurant* e não como a carne assada que ha onze dias me impingem a bordo.

Volto para o navio ao anoitecer e sou recebido pelo gramofone, que me apanha mesmo em cheio com um «fox-trot»!

12 de Abril.—Sonhei toda a noite que o gramofone tinha caido ao mar. Quando acordei e o ouvi, é que reparei que tinha estado a sonhar! Que pena...

13 de Abril.—Fui hoje iniciado numa associação secreta, organisada a bordo e que tem por fim promover o falecimento definitivo do gramofone. O atentado ficou marcado para daqui a trez dias!

14 de Abril.—Houve denuncia do *complot.* Os gromofonistas teem a policia de prevenção rigorosa e parece que já houve prisões. Para despistar, ponho algodão em rama nos ouvidos e vou dar corda á maquina. A' noite, quando me ia deitar, encontrei sobre a almofada da cama um bilhete com uma caveira pintada a tinta azul e estas palavras: «Morram os traidores!»

15 de Abril.—Chegamos á Bahia. Extranho não ver ninguem para me cumprimentar, mas depois lembro-me de que não tenho na Bahia pessoa alguma conhecida.

Desunho-me nas laranjas. Quasi como um laranjal e embriago-me com paraty, que comprei para mim.

Ao entrar para a cabine, um *filiado*

segreda-me que o atentado contra o gramofone foi adiado, porque algumas unidades que estavam comprometidas faltaram á ultima hora.

16 de Abril.—Lavra com insistencia a noticia de que chegamos amanhã ao Rio de Janeiro. A nova chegou aos ouvidos do gramofone e o malvado, como é o ultimo dia que nos apanha a geito, berra com quantas forças tem em fá sobrenatural!

A intervenção do *complot* fica em desistencia e recusa amedrontada.

A' hora do jantar distribuem cloroformio aos passageiros, porque o gramofone tenciona fazer serão até altas horas.

17 de Abril.—Rio de Janeiro! De Janeiro? De Fevereiro, de Março de Abril, do ano todo! Isto de longe já é bastante bonito! Uff! Ponho pé em terra! Só esta felicidade de não ouvir tão cedo o gramofone!

Rio de Janeiro, Abril.

HENRIQUE ROLDÃO

NO CAFÉ

—O quê, desgraçado, não trazes dinheiro? Então como hei-de eu pagar a despeza?...

ALEGRIAS DO LAR

—Toma, meu patife, para não ires dizer outra vez, que eu não sou uma esposa meiga e dedicada...

VARIA

NOMES PRÓPRIOS DE RAIZ GRÊGA

Ambrosio quere dizer «imortal»; *Crisóstomo* significa «boca de ouro»; *Eugenio*, «bem nascido»; *Eulália*, «bem falante»; *Dorotéa*, «presente de Deus»; *Damião*, «popular»; *Adriano*, «homem valente»; *Irene*, «paz»; *Aniceto*, «invencivel».

UM ELEFANTE BRANCO

Durante a ultima greve geral na Inglaterra, quando os grandes portos ingleses tinham o seu tráfego paralizado, um elefante branco, animal sagrado da provincia da Birmânia, na India, desembarcou em Tilbury, na Foz do Tamiza.

O animal é cinzento muito claro e tem os olhos de côr rosea, como os olhos dos «albinos».

Na India, tinha o seu palacio, os seus devotos, os seus criados. Vem acompanhado pelo Dr. Saw D. Po Min, presidente da *Loyal Karem Association* da Birmânia, o qual declarou que este animal passava por ser o «fetiche» da sua provincia, sobre a qual atraía a felicidade, sendo considerado como um rei e tratado como tal. Os indios, de facto, estão persuadidos de que o corpo magestoso dos elefantes brancos é habitado pela alma dum grande homem ou dum rei. O elefante branco da Birmânia estará exposto ao publico, durante os meses de verão, no Jardim Zoologico de Londres, onde chegou no dia 15 de Maio.

A SERPENTE DO MAR

Muito se tem falado na existencia duma serpente marinha, mas nunca foi possivel obter qualquer certeza sôbre o caso. Recentemente, porém, um oficial inglês afirmou ter visto êsse animal no estreito de Wright, e descreveu-o como tendo uma cabeça enorme e muito mais larga do que o corpo, apresentando todo o aspecto dum monstro ante-diluviano.

COM VISTA AOS «CHAUFFEURS» DE *TAXIS*

Uma empreza de automóveis de Montevideu (Uruguay), explorando a paixão pelos jógos de azar tão espalhada nos povos latinos de aquém e de além mar, pôs em pratica o seguinte processo de captar as simpatias do publico. Os seus «taxis» teem na roda trazeira do lado esquerdo um mostrador, onde estão inscritos, sôbre fundo branco, algarismos de 1 até 20. Uma agulha, colocada sôbre o eixo das rodas, conserva a posição vertical, enquanto o mostrador gira naturalmente, acompanhando o movimento da roda. Antes de subir para o carro, o freguez indica ao «chauffeur» o algarismo que escolheu. Se a agulha marca êsse número, quando o carro chega ao seu destino, o freguez não paga nada, por muito grande que seja o trajecto. E' claro que os automóveis desta companhia gozam do maior favor do público.

A Avenida da Liberdade

Por muito paradoxal que a afirmação pareça, a Avenida da «Liberdade» nasceu entre o campo onde se erguia a forca e o palacio da Inquisição, isto é, entre dois simbolos anti-liberais: o que roubava a liberdade de viver, concedida por Deus, e o que, em nome de Deus, roubava a liberdade ds pensar.

Quando o terramoto arrazou Lisboa, o Marquês de Pombal pensou logo em dar um alegrão aos «faceiras» e ás sécias que, até á data, não tinham um local propicio ao seu inocente gosto de namorar. Lisboa não tinha um jardim, não tinha um parque onde pudessem descer dos seus coches e berlindas as elegantes, calçadas de veludo; onde houvesse alamedas sombreadas, bancos de pedra, tanques serenos com tritões de marmore... Lisboa não tinha onde passear. Até 1750, era no Rossio que se encontrava, ás tardes, toda a fina flor da elegancia, toda a «francezia», como usava dizer-se. O Rossio era então uma praça de aspecto muito irregular, cercada por grandes edificios, mal alinhados. O convento de S. Domingos, o Hospital de Todos os Santos—com sua escadaria replecta de pedintes andrajosos—, o palacio da Inquisição, a antigo Paço dos Estáos, com a sua estatua da Fé coroando-lhe a carcoma sombria. Era aí que a Lisboa mundana se encontrava, ás tardes, sob os ditos grosseiros dos mulatos e ciganos, sob as gargalhadas sinistras dos loucos á janela do Hospital, sob a surriada dos garotos e a imundicie dos cães e dos cavalos.

O Marquês de Pombal, ao querer dotar Lisboa com um jardim, lembrou-se de aproveitar um local que ao primeiro exame não pareceria muito adequado ao fim que se tinha em vista. Tratava-se do sitio conhecido pelo nome de *Hortas da Cêra*, terreno húmido, para onde fora arremessada grande parte do entulho, depois do grande terramoto, um trato de terra coberto de pedregulhos, que ficava encravado entre os altos da Cotovia de S. Roque e de Sant'Ana, lado a lado com o palácio Cadaval e com a *Praça do Verde* (depois Alegria de Baixo), onde por vezes se erguia a forca.

Em 1764, o arquitecto Reinaldo Manuel foi encarregado de transformar as *Hortas da Cêra* num jardim, num *Passeio Público*. Arvores seculares foram transportadas para o agreste local; jardineiros peritos talharam ruas e labirintos marginados de buxo cortado á escovinha; altos muros impenetraveis guardaram o recinto, para onde se entrava por uma cancela de madeira pintada de verde. Mas, apesar de tudo, mestre Reinaldo não conseguira fazer um *Passeio Público;* conseguira apenas arranjar uma quinta, onde os lisboetas pudessem passear, sem autorisação especial. Executara o encargo, sem compreender a sua intenção. Os peraltas e as secias queriam um local onde pudessem espanejar-se á vontade, que fosse a rua sem garotos nem pedintes; não queriam um jardim que parecia uma quinta nobre ou a cêrca dum convento. No entanto, como o século XVIII foi o século resignado por excelência, o *Passeio Público* arrastou, atravez dêle, a sua assistência falhada e sem caracter. Foi preciso que se ouvissem, lá para as bandas do Pôrto, os primeiros vagidos do liberalismo, para que os lisboetas reclamassem contra a fisionomia fradesca do seu parque. A ideia liberal reflectiu-se logo nos muros do *Passeio Público*, que foram arrazados e substituidos por grades, que poderiam parecer um símbolo da liberdade relativa, da liberdade com freio, que os primeiros liberais reclamaram.

O gradeamento de ferro abrangeu um espaço maior; as ruas seguiram novo molde, á maneira inglesa; construiu-se um tanque minúsculo e uma cascata imensa. O novo arquitecto, chamado Malaquias Ferreira, fez conduzir para o *Passeio Público* algumas figuras alegoricas de pedra, que foi desencantar no Paço dos Estáos, e devido ao bem intencionado zelo deste ignorado «artista», o mau gosto teve ali o seu dominio absoluto. Não ouvindo os protestos de Alexandre Herculano, o arquitecto mandou tosquiar as arvores seculares e continuou, impávido, a fazer experiencias de lagos e cascatas. Em 1847, o jardim, onde Lisboa se aborrecera durante anos e anos, beneficiou de vários melhoramentos, desaparecendo o pequeno lago de grandes ninfas e tritões. Lisboa passou a divertir-se no *Passeio Público*, onde tiveram lugar algumas festas de beneficencia que deixaram fama, e onde, numa cálida noite de Agosto, no ano de 1851, se acenderam as primeiras luminárias de gaz, brilhantes substitutas das velas de cebo e das tigelinhas de azeite. No *Passeio Público* se apresentaram todas as celebridades estrangeiras que pretenderam espantar os lisboetas; ali tocaram as bandas militares e dançaram as discipulas de Justino Soares; ali se viveram muitos romances piegas e passearam alguns romancistas geniais. Lisboa aprendeu a divertir-se, sem ser com procissões, no *Passeio Público*, sob o exame impiedoso de alguns monoculos celebres.

Mas, um belo dia, o *Passeio Público* passou a ser absolutamente publico, Lisboa precisava duma grande Avenida, duma avenida que fosse como que a sua carta de alforria de velha cidade escrava e martir, duma avenida que fosse, perante os olhos dos estrangeiros, o seu diploma de cidade civilizada. Então, as grades do *Passeio Público* foram-se abaixo, como já tinham ido os muros. Nascera a Avenida da Liberdade, que abre com o grande monumento cuja construção se iniciou ainda dentro do *Passeio Público* e que será coroada, um dia, pela figura do grande ministro reformador, do ministro que se lembrou de transformar as Hortas da Cêra, entre a forca e a Inquisição, num jardim tranquilo, bem murado, bem frequentado, onde se pudesse namorar sem consequências, sem grande liberdade, á maneira do século XVIII...

O DIVÓRCIO AO ALCANCE DE TODOS...

O divórcio está, em Inglaterra, por um preço irrisório, um verdadeiro preço de liquidação. Aprovou-se recentemente uma lei estabelecendo uma tarifa de divórcio para gente pobre mas honrada, e teve tal aceitação que já se anunciou que o preço nela fixado vai baixar, criando-se numerosos escritórios da especialidade em muitas cidades, vilas e aldeias da Grã Bretanha.

A «ESFINGE» EM OBRAS...

Durante o inverno passado, a grande Esfinge de Gizeh esteve em obras. Ameaçava ruina, e as autoridades egipcias pensaram logo em salvá la, uma vez que o Egipto sem Esfinge era uma cousa absurda. Juntamente com as reparações, foram feitas algumas escavações, que deram como resultado ficarem a descoberto as garras, os flancos e as patas trazeiras. O monumento perdeu bastante do seu aspecto misterioso e mostra grande falta de proporções nas partes agora descobertas. Se se provar que a intemperie tem grande acção no desgaste do monumento, a areia voltará a cobrir a Esfinge até ao pescoço. Isto é: a Esfinge voltará a encolher as garras e a ser apenas uma grande cabeça amarela sôbre a areia amarela do deserto.

OS AUTOMÓVEIS QUE HA NO MUNDO

O departamento do comércio americano publicou recentemente um estudo interessante sôbre a circulação automóvel no mundo, em Janeiro de 1926. Nessa data, havia em circulação, em todo o mundo, cêrca de 20.799.151 carros de turismo, 181.573 «autobus», 3.454.939 «camions» e 1.519.765 motocicletes. O total dêstes quatro grupos, compreendendo 18.500 veiculos que circulam na Rússia, onde não ha estatisticas seguras, era de 25.973.923. O aumento do número de automóveis em circulação tem-se acentuado muito nos ultimos três anos, pois que, em Janeiro de 1923, êsse numero era ainda de 15.505.788. Os Estados Unidos, só por si, teem contribuido para tal aumento com uma percentagem de 67 °/o. Calcula-se que só no ano de 1925 o mundo gastou na aquisição de veiculos automóveis a «bagatela» de sete milhões, oitocentos e vinte mil contos de reis! O país que tem mais veiculos automóveis em circulação é os Estados Unidos, que contam cêrca de 20.000.000; o segundo lugar é ocupado pela Grã-Bretanha, com 1.474.573. Depois, veem a França com 855.000, o Canadá com 724.594, a Alemanha, a Austrália a Itália, a Argentina, a Nova-Zelandia, a Belgica, a Suécia e os Países Baixos Portugal nem conta...

UM PESA-PAPEIS ORIGINAL

O rei Eduardo VII, de Inglaterra, tinha como pesa-papeis, em cima da sua secretária, a mão mumificada de uma das filhas de um Faraó do Egito.

comentarios

SÓ COM MUITO MÀ FÉ SE NÃO ENCONTRA FORMA DE SUBSIDIAR O TEATRO NACIONAL

O TIVOLI GANHOU NUM ANO SEISCENTOS CONTOS!

Apelâmos ainda para o patriotismo do sr. ministro da Instrução. — A acção do Conselho Teatral é passiva.

Chegou ao estado agudo a questão do Nacional! Está na pasta da Instrução uma grande mentalidade. O sr. ministro tem ao seu lado alguem que conhece a fundo assuntos de teatro. Confiemos nêle.

Se o Estado está exausto, e não pode incluir num orçamento de muitos milhares de contos umas centenas para crear o Teatro do Estado, dando assim um impulso dignificador á grande causa da nossa produção dramatica, ao menos que estude as possibilidades de o defender, já tirando-lhe as contribuições que o oneram, já creando um imposto nos cinemas, que conduzem anualmente muitos milhões de escudos para o estrangeiro. E' preciso que a obra da Revolução se faça no campo artistico tambem—e já. Não é patriota aquele que não deseje ardentemente a dignificação e o progresso da nossa arte dramatica — pouco menos que morta.

O ano passado representamos um unico ori inal portuguès!!

Que miseria intelectual isso não representa!

Pois não vêm os governantes e os responsaveis, que um paiz em que a grande expressão literaria, que é o teatro, está assim—é um paiz **morto!?**

Ninguem pede dinheiro para si!

Ninguem pede dinheiro para se estragar!

Possivelmente o Estado não perderia—porque seria emprezario duma grande companhia!

O que não ha é positivamente o direito de fazer o que fez o conselho teatral!

O ministro disse que não podia dar subsidio. Logo o conselho se apresta a dizer que está pronto e ás ordens do governo para estudar a adjudicação!

Quere dizer—e isso sente-se—recomendou a «regie» por descargo de consciencia, sem interesse, sem entusiasmo, sem nada de vivo e de ardente a fazê-lo combater por ela.

O conselho descrê da produção nacional. O conselho não marca uma atitude de desassombro — é «passivo» obediente, cheio de salamaleques e pronto a tudo! Resultado: o conselho propoz uma adjudicação inaceitavel, depois da burla feita a Lino Ferreira—e em que o conselho se solidarisou com o estado-burlão—inaceitavel pelos autores e pelos empresarios.

O que ha a fazer? Protestar! Por todas as formas! Por todas as maneiras!

DOS PLAGIOS, ROUBOS E ARTES EQUIVALENTES

MADAME Rasimi, directôra da companhia francêsa actualmente no Trindade, tem manifestado a sua extranhêsa ao ver que grande parte dos numeros, musicas e *sketchs* com os quaes são compostas as suas revistas já tem sido exibidos em Portugal.

Henrique Roldão, de passagem pelo Brasil, constata que os numeros de sucesso das revistas portuguêsas são apresentados um mez depois no Rio de Janeiro. Daí, as companhias em excursão se verem forçadas a remodelar as peças que daqui levam, deitando a mão ao melhor do que conhecem e não faz, por acaso, parte do repertório. E' bom explicar que já transportam, no fundo dum caixote, letras e musicas copiadas para servirem na primeira aflição.

Sucede que as revistas de Madame Rasimi, assinadas por dois nomes relativamente conhecidos em Paris são compostas de retalhos de revistas representadas algumas délas ha oito anos em Paris. Fala uma testemunha ocular. As peças apresentadas nos grandes *music-halls:* Folies Bergére, Casino, Moulin Rouge, etc., são em geral anónimas. O cartaz menciona quasi sempre apênas o nome do *producer*, isto é: o animador da obra, que encomendou um bailado para a direita, um *sketch* comico para a esquerda, um efeito de *mise-en-scene* a este, uma canção de *pegadilho* áquêle, etc.

Possivel é, pois, que os autôres que figuram nos cartazes de Rasimi tenham reunido, em trez revistas, velhas colaborações esparsas em vinte outras; mas, talvez, esgaravatando bem, se verificasse que, para encher, para aproveitar guarda roupa, para utilisar scenario, tambem tivessem, tal como certos revisteiros portuguêses, deitado a mão ao que lhes fazia arranjo. O peor para êles é que foram tarde.

Quanto ás manigancias praticadas no Brasil, se são efectuadas por brasileiros não seria impossivel mandar tomar apontamento délas e a Sociedade de Autôres Portugueses manifestar na imprensa dálem Atlantico o que legitimamente pensa sobre o assunto. E, quando algum dos piratas abordasse ás plagas luzitanas, como tem sucedido, em vez de se lhe oferecer banquetes, almoços e sessões solemnes, era excelente ocasião para lhe diser na cara meia duzia de verdades.

Se as já citadas manigancias tem por autôres responsaveis empresários portuguêses ou secretários contratados adrêde para esse fim, nada mais facil do que ajustar contas á volta. Uma interdição, partindo da Sociedade de Autores e rigorosamente cumprida, ensinaria esses audáses corsários lusos a respeitar o trabalho alheio.

* * *

A questão das musicas está, por assim diser, resolvida em Portugal com a lei que autorisa a cobrança dos pequenos direitos. Quem usar de musicas estrangeiras pagará. De resto, já se está pagando em grande parte e nunca os autores hespanhoes receberam tanto dinheiro vindo daquem Guadiana. O mesmo sucederá aos autôres francêses que estão prestes a confiar a defeza dos seus direitos, grandes e pequenos, á Sociedade portuguesa.

Ora o que se conseguiu relativamente á musica não é impossivel conseguir relativamente á letra tradusida ou copiada. Basta que a Sociedade obrigue, sob pena de sancções sevéras, os seus sócios a declararem publica ou particularmente aquilo que pediram emprestado ao visinho e cobre uns direitos em proporção, com destino aos legitimos autôres. No dia em que assim se fizesse, ver-se-ia a que ficavam redusidas a imaginativa e o espirito de certos escrevinhadôres.

Infelizmente, não temos no teátro o dictador que em vinte e quatro horas edite os tres ou quatro decrétos muito simples, que regulariam este estado de cousas, que, por ser velho, talvez ainda acabe por ser perpétuo.

A. B.

Se fôr ávante a atabalhoada proposta do conselho teatral, estará decretada—atendendo ao circulo vicioso das outras emprezas—a morte irrevogavel do Teatro Português!

E alguem que já um dia foi preso por fazer um comicio em pleno Rossio, contra uma selvageria da Camara—será talvez de novo preso...

* * *

Com o pedido de publicação recebemos esta interessante carta:

Lisboa 26 de Junho de 1926

Ex.^mo^ Sr.

Sou um velho leitor do «Domingo», e das secções que leio com mais agrado é justamente a de teatros, por ser feita com um criterio justo e uma vontade de acertar tal, que se torna grande no nosso meio.

Achei interessante recortar do jornal francês «Petit Journal» de ha uns dias a noticia que lhe mando, para que V. Ex.ª possa responder-me, com os seus conhecimentos de tecnica teatral, a razão por que havendo entre nós uma «Associação de Classe dos Trabalhadores de Teatro», uma revista «De Teatro» e muitos jornais e revistas que mostram interessar-se pelo teatro, nenhuma delas se lembrou da realisação deste importantissimo Congresso Internacional que se está realisando em Berlim, e a que concorrem os mais importantes paizes da Europa, os Estados Unidos e até o Japão.

Ter-se-ha dado o caso de a classe dos actores portuguezes não ter sido convidada? Mas isso então é o cumulo da vergonha para os actores, para a sua Associação de Classe, para o Governo, para Portugal. Não, não pode ter sido isso.

Escusado é frizar que nesse Congresso se vai tratar de crear uma organisação internacional de actores. Se isso fôr um facto, como espero, não será Portugal convidado a ingressar? Portugal, que tem representantes na Sociedade das Nações; Portugal, que tem direito por conquista a fazer parte do concerto internacional?

Parece-me bem que este Congresso Internacional é mais importante pelo numero de trabalhadores de teatro que ha, do que os Congressos de Critica e dos Autores e Compositores ha pouco realisado em Paris e em que Portugal se fez representar, que aliás foram proveitosos.

Desculpe roubar-lhe tempo, mas é necessario que estas coisas sejam conhecidas pelos actores e pelo publico.

De V. Ex.ª
Att.º Ven.^or^ Obrigd.º
UM DO PUBLICO

CONFERENCE INTERNATIONALE DU TEATRE A BERLIN

BERLIN, 22 JUIN.—Aujourd'hui, 22 juin, l'Union des artistes des scènes allemandes convoque á Berlin la première conference internationale théâtrale à laquelle prennent part les délégués des associations artistiques de la France, de l'Angleterre, de l'Italie, de l'Espagne, de la Suisse, du Danemark, de la Tchéco-Slovaque, des Etads-Unis, du Japon. L'Union des artistes des scènes polonaises a également été invitée. Le programme du congrès comprend entre autres, comme un des points les plus importants, la création d'une organisation internationale des acteurs.

S. Luiz	Gymnasio	Avenida	Politeama	Nacional	Trindade	Apolo	Olimpia
Companhia Lucilia Simões-Erico Braga «O homem das 5 horas» e «Papo Seco».	Fechado temporariamente.	Sempre o «Doutor da Mula Ruça» peça de E. Rodrigues, Felix Bermudes, João Bastos.	A peça «Leão da Estrela».	Brevemente: Stichini-Azevedo.	Companhia francesa «Ba-Ta-Clan».	A peça «A Severa» magnifico desempenho da companhia Rafael Marques.	Sempre as ultimas novidades em cinematografia.

O DOMINGO Ilustrado

UMA NOVELA SENTIMENTAL COMPLETA

FLORES DA VALETA

Pagina de vida humilissima de Lisboa, onde passa o idilio e a vida conjugal, e o drama dum rapazito de jornais e duma vendedeira de flôres. Pagina verdadeira: comove, e interessa.

HISTORIA simples, a do «Naifas». Era uma hora da noite—quando, aos repelões, um empregado da estação do Rocio o empurrou, com um pontapé, para os degraus da rua, e lhe fechou atraz a grande porta de cristal.

Tinha sido apanhado na gare, sem bilhete. Viera aos bordos, desde Santarem, escondido num fourgon. Passara a tarde, encolhido entre sacas de batatas, no Setil. Depois, tinham atrelado o wagon ao combio do norte, e aparecera assim, sem bilhete, descalço, um feltro velho sobre os olhos inchados, hirsuto, imundo, nauseabundo de calor, de suor e de terra, no meio da estação. Fôra assim a sua entrada em Lisboa: Sem um centavo no bolso, fome, sede, uma tontura nos olhos, os farrapos da camisa empastados ao corpo. Viera á aventura. Orfão de pae, orfão de mãe, vivia de recados na terra—a Barquinha. Mas ouvira a outros moços que em Lisboa se ganhava, e como a ele uma côdea lhe bastava para dar força ás pernas, e o seu estomago rijo cumpria, toca de pôr-se a caminho, á aventura, á esmola, á sorte...

* * *

Três dias depois o «Naifas» estava instalado—e vivia do seu trabalho. Tinha um horario complicado e cumpria-o pontualmente. Ia, á chegada dos comboios, ao Rocio, á chegada dos vapores ao Terreiro do Paço, á meia noite, á saida dos teatros.

Brinca brincando, o «Naifas» tirava por dia, em media, cerca de oito a dez escudos.

Dois mezes depois, o «Naifas», tendo junto algumas dezenas de mil reis, entrava por sua conta no negocio dos jornais. Era dos mais arrojados, ao levantar, nas casas de venda, o «papel». Aos cincoenta «Diarios de Lisboa», aos trinta «Domingos», ganhava, diariamente, certa, uma dezena de escudos

Andava descalço, lesto, agil, já com o emblema do «Vendedores do jornais», a boina para traz, a beata ao canto da boca, o «Naifas»—«Naifas» de nome, ou de alcunha, sem mais nada. «Naifas», por causa de duas cicatrizes no pescoço moreno, que fizera ele proprio, em pequeno, ao brincar com uma tesoura.

Comprara roupa nova, cortara o cabelo, tinha agora um ar asseado e saudavel, desembaraçado e simpatico, o «Naifas».

* * *

Em compensação, a Rita Melenas arranjava-se peor. Filha duma cega que pedia no Poço dos Negros e ficava por esmola quasi sempre no Albergue dos Poiais de S. Bento, a Rita—dezasseis anos, descalça, magra, um trapito triste a cobrir-lhe as formas a nascer, rijas e saudaveis, apesar das privações de todos os dias, só tinha uma riqueza.

Era o cabelo. As suas *melenas*, sempre molhadas, brilhantes, oleosas, muito compactas em curvas, á fadista. Podiam, os pés descalços andar salpicados da lama das ruas—o penteado, esse andava sempre rico e cuidado. E era ainda a sua cabeça de portuguesita airosa, viva, de olhos fadistas e imensamente negros, o segredo do exito das suas vendas. Vendia flôres—agora cravos ou rosas—aos embarcadiços e aos marinheiros estrangeiros dos barcos que atracam ali, aos Caes da Alfandega.

Mal os via, corria lesta pelo areal do Terreiro do Paço, a oferecer-lhes as

A «Ritas das Melenas» vendia flôres...

flôres, com um sorriso de dentes muito brancos e com a boquita vermelha como um morango. «Money! Money! Six penies»! sabia ela dizer, na sua algaraviada internacional.

Quantas vezes, nas noites sem luz, ao cruzar o imenso quadrilatero da praça para oferecer honestamente uma flôr, não teve a pobre Rita que vender, com os olhos cerrados de nojo, a algum marinheiro mais sensual, um beijo da sua boquita fresca, que ia a correr lavar ao marco, para tirar o gosto acre daqueles beiços grossos e que cheiravam a gin...

* * *

Uma noite, era de inverno, e grossas bategas de agua caiam, a espaços, sobre o zinco do barracão da ponte dos vapores. Embrulhados, encolhidos com frio, pelos bancos imundos, garotos da recovagem dos fardos e das bagagens dos passageiros esperavam a chegada do ultimo vapor. A Rita tinha-se recolhido da chuva. Ao canto, sobre uma barrica vazia, o «Naifas», com a bolsa dos jornais ao pé, fazia um cigarro. Ela chegou-se, com o cestinho das violetas onde os ramos tristes e alinhados faziam corôa completa, e poz-se a limpar a cara molhada, com o aventalito.

—Não vendeste nada?

—Nada...

Não se conheciam—mas a solidariedade da miseria daquela noite sem abrigo deu-lhes logo intimidade.

—E agora tambem já não vendes...

—Estou á espera dos «gajos» do vapor alemão... chegam sempre tarde. Ainda recolheram poucos...

—Não me cheira.

—A's vezes—fez ela numa esperança, e logo saltou rapida, ao ver surgir, ao fundo da praça, os vultos apressados dos homens que iam para bordo.

Ele fixou-a ainda a seguir um momento, e já da porta ele olhou, num repente, para traz...

* * *

O homem vociferava: «Nó! Nó»! e ela, pela arcada fóra, saltitando junta dele, os peititos a tremer, turgidos na blusa leve, a querer espetar-lhe no casaco as violetas molhadas.

Silencio em volta. Só o ruido macio dos pés dela no lagedo, e os passos do homem... Num instante, estacou.

—«Oh! Yes!»—E deixou-a aproximar-se mais, e consentiu que ela puzesse as flores na botoeira...

—«Money! Money!»

—«Oh! Yes!»—tornou o homem e, num repelão, agarrou-a pela cintura, e levando-a ao ar, até á boca, beijou-a, quasi numa mordedura, queimando-lhe com os beiços a pele orvalhada, amachucando-lhe com a mão brutal o peito pequenino e rijo, como uma flôr de carne em botão...

* * *

Fez-se um grito surdo, um gemido, e o cestinho rolou nas pedras, entornando os ramos sobre as poças da chuva.

O homem agora arrastara-a para o escuro das portas vazias das Encomendas Postais, despia-lhe num rasgão o corpete facil. Congestionado, o chapeu para a nuca, tinha-a toda dominada entre as manápulas felpudas, que lhe assentavam nos quadris airosos e magros.

Então, uma, duas pedras violentas, certeiras, das pedras da rua, pequenas, redondas como bolas, estamparam-se na parede e passaram rez-vez. O homem voltou-se. Então outra pedra, saida do escuro da noite, sem origem, perdida, estoirou-lhe na cabeça. Ouve um grito. O alemão levou a mão á testa, e á luz do lampeão viu gotejar pela brecha um fio de sangue. Cobarde, soltando uma praga surda e cerrada, correu para o cais.

Passaram minutos dum silencio frio. Só a respiração ofegante da pequena quebrou o ar com um gemido frio.. Uma sombra se desenhara agora na parede, projectada pela luz.

Era o andar gingão do «Naifas». Vinha tranquilamente a enrolar o cigarrito tisico, de francez.

—Então que tal...

—Foste tu?

—O gajo que te queria?

Ela não respondeu. Enterrou a cabecita nos joelhos. Depois, ouve um soluçar profundo, longo, como um arranco do peito, que a fazia estremecer toda. Foi um silencio muito grande. Por fim enxugou os olhos.

—Perdi as flôres todas... Com essa chuva estão desfeitas.

Ele tinha os olhos no chão. Depois, medindo uma a uma a responsabilidade das palavras, mais baixinho, com a simplicidade duma grande ternura, sem a olhar:—Deixa lá. Hoje eu pago-te as violetas todas... Não chores...

. . . .

A chuva caía sobre as lages. Agora o vento fustigava-a para dentro da arcada, e trazia-a até á parede.

Estiveram assim, os dois, horas. Depois, com a madrugada, o vendaval maior fustigava-os a ambos. Lentamente, pouco a pouco, instintivamente, ela tombou sobre o ombro dêle a cabecita dormente.

Ele beijou-a nos olhos—e os dois corpos estremeceram.

Ela tinha treze anos e ele apenas doze!

Reporter Misterio

O «Naifas» em silencio, fazia um cigarro...

NOVELA IRONICA COMPLETA

Idiota por dieta Um caso de drogomania

A fantasia sempre ironica e sempre nova de Augusto Cunha tira partido esta semana dum caso pitoresco de «charge» á vida.

DECIDIDAMENTE o meu amigo Inocencio, com o seu espirito fraco e facilmente influenciavel por tudo e por todos, ha-de acabar por acabar mal.

Aqui ha tempos cheguei a julgá-lo perdido.

Ora imaginem para o que lhe deu, Como estivesse ligeiramente indisposto foi, a conselho da esposa e pela primeira vez na sua vida, consultar um medico. Até ali a medicina fôra para ele uma lenda. E por isso mesmo, o seu primeiro contacto com a sciencia, inesperado, imprevisto, sem preparação alguma, ia sendo fatal.

Quando Inocencio se queixou da ligeira indisposição intestinal que o atormentava e o levára a transpôr os humbrais da medicina, o medico, depois de o observar demoradamente, de lhe falar de insuficiencias gastricas, dispepsias, de prognosticar uma dilatação no epigastro, de lhe explicar o funcionamento das varias miudezas, descrevendo a complicada laboração dos varios orgãos, concluiu:

—Todo o seu mal deriva do pancreas.

—De quem Dr.?, inquiriu alarmado o Inocencio.

Mas se nem sequer me dou com esse cavalheiro!

—Pois tenha cuidado, respondeu sorrindo o clinico, que tomou á conta de ironia a frase do Inocencio.

—Mas como precaver me se o não conheço? E de resto não vejo que motivos possa ter esse sujeito para me perseguir d'essa maneira?

Então o medico pacientemente apresentou o pancreas ao Inocencio, explicou a sua funcção no organismo e acabou por receitar.

Inocencio sobresaltado com o imprevisto desarranjo d'aquele orgão tão importante, agarrou sofregamente na receita e correu á primeira farmacia. Ao regressar a casa, pr.ocupado com a sorte do pancreas, caminhava já cautelosamente, afim de não perturbar mais o funcionamento do orgão combalido.

A mulher assim que o viu quiz saber o que ele tinha, qual a opinião do medico.

—E' o pancreas, disse o Inocencio tristemente.

—Mas o que disse ele? tornou a mulher.

—Diz que é o pancreas, murmurou novamente o Inocencio, acabrunhado.

—Mas o que te disse o Pancreas? O que receitou esse tal medico? volveu a mulher já excitada pela curiosidade insatisfeita.

—O' filha o pancreas é um orgão, emendou o Inocencio com ar superior.

—Um orgão?

—Sim o orgão que eu aqui tenho estragádo.

—O quê! gemeu aflita D. Balbina. Tu tens um orgão aí dentro!? Valha-me Deus! mas como enguliste tu uma coisa d'essas?

Inocencio elucidou então a esposa; transmitiu-lhe com ar catedrático as informações e os ensinamentos que o medico lhe fornecêra.

Mais tranquila começou então dispondo as coisas para tratar o Inocencio e por sua vontade ele teria ingerido logo, todo o remedio que trouxera.

A tranquilidade do Inocencio é que se havia perdido para sempre. Cada vez mais apreensivo, começou frequentando os especialistas, as policlinicas e as farmacias; a sua distracção, a sua unica leitura, eram os reclames e os anuncios das especialidades farmaceuticas; devorava curiosamente todos os

—Todo o seu mal deriva do pancreas ...

propectos que lhe ofereciam ou mandavam pelo correio, todos os envolucros, rotulos e modos de uzar, juntos a todas as drogas que ingeria na esperança de curar o orgão-enfermo.

O pancreas passou a ser para ele um Deus terrivel a que diariamente tinha de sacrificar alguns litros de remedios; cuja ira tinha de aplacar com sucessivas camadas de medicamentos!

Os «mais exquisitos produtos», as drogas de mais arrevezados nomes, foram avidamente experimentadas pelo meu amigo.

Qualquer novo produto que surgia no mercado ía logo parar ao bucho do Inocencio.

E por fim já não tratava só do pancreas.

Da leitura dos varios prospetos acabou por concluir, que padecia de todas aquelas doenças a que os reclames se referiam e que afinal todos os seus orgãos estavam a precisar de obras urgentes. Chegou a julgar-se perdido. Tanto remedio ingeria que por fim já se não podia estar junto dele

Depois d'aquele fiasco não o tornei a ver tão cedo. Mas constou-me que atravessou uma crise terrivel. Com a mania de que os alimentos continham os germens de todas as doenças de que se sentia possuido, começou lendo tratados, folhetos, revistas medicas, afim de conhecer quais as substancias que em cada alimento poderiam agravar os seus males. E tanto leu que acabou por não comer. A mulher aflita escolhia os máis variados manjares, mas para todos Inocencio tinha as suas objeções e os seus argumentos condenatorios. Uns porque tinham peptona, outros assucar, outros gorduras, albuminoides, etc, etc. E como todas as substancias, boliam com os varios orgãos, Inocencio jejuava.

Se a mulher lhe apresentava peixe, por exemplo, ele objetava logo:—Tem fosforo, não como.

—Um fosforo? dizia D. Balbina. Querem ver que a estupida da cozinheira entornou a caixa em cima do fogão!...

Perante um prato de favas, Inocencio exclamava abanando a cabeça:

—Bem sabes que não posso comer por causa do tanino.

—Mas o que teus tu com os outros, censurava irritada D. Balbina; lá por que esse sujeito não quer, tu não comes. Eu não o conheço, mas ia jurar que por ti não faz ele esses sacrificios...

—D. Balbina não desistia, tentava outra coisa, mas o Inocencio recusava sempre:

—Tem acidos, não posso; os intestinos não me aguentavam uma coisa d'essas.

D. Balbina voltava logo com outro prato e ele horrorisádo:

—Ainda peor! Saís?...

—Não que ideia, a esta hora onde é que eu havia de ir, exclamava ela.

—Não filha refiro-me aos sais, que isto contem. Então D. Balbina perdia a paciencia.

Efetivamente Inocencio estava tão intransigente nos seus propositos ou melhor nos seus despropositos, que só a paciencia d'um santo seria capaz de não se declarar em greve para o aturar.

Uma tarde cheguei a condoer-me pela sorte da pobre senhora. As respostas do Inocencio eram sempre do mesmo teor:—Isto não, porque vai atacar o figado, isso vai aos rins, aquilo d'ele. O seu halito lembrava o cheiro que emana do interior das drogarias.

Se via anunciado um d'aqueles produtos milagrosos que todos os dias aparecem, de nomes arrevezados e dificeis, por exemplo a papalvocalcine, o vigaricianistrol, a intrujoplastine ou qualquer outra coisa n'este genero, ele apressava-se a provar a droga.

Mesmo que por um acaso, aliás rarissimo, o novo produto se destinasse apenas á cura d'uma unica doença e ele não a tivesse, considerava sempre «que mais vale prevenir que remediar» e chamava-lhe um figo.

Por vezes os nomes dos medicamentos eram tão complicados, que se lh'os perguntassem depois, ele não saberia dizer o que tomára.

Nunca entrava n'uma farmacia sem estudar primeiro o nome do remedio que pretendia, sem proceder previamente a um cuidadoso ensaio afim de o pedir com facilidade e com o ar de pessoa identificada com a medicina, de pessoa bem medicamentada. Mas ás vezes os nomes eram de tal natureza, que apezar dos ensaios, na altura da premiere havia panne. Muita vez ao entrar n'uma farmacia com ar decidido, estacava a meio caminho do balcão, porque ao repetir pela ultima vez, intimamente, o nome do remedio, a lingua se lhe embrulhava de tal forma nas suas arrevezadas silabas, que para não fazer má figura retrocedia prudentemente adiando a compra do medicamento.

Uma vez encontrei no Estacio, o Inocencio. Segundo me disse mais tarde ia aviar uma receita de lactosimbiosyna, que viera lendo até entrar no estabelecimento. Mas ao dirigir-se a um dos empregados, talvez pela mesma preocupação de não querer fazer má figura ou por que a minha presença tivesse prejudicado o efeito do treino de me-

(CONTINUAÇÃO NA PAGINA 9)

E sempre agarrado aos livros, sempre rodeado de frascos, de remedios, de caixas...

Varia

MOINHO DE PACIENCIA

N.º 10 — 1.ª SERIE

SECÇÃO CHARADISTICA SOB A DIRECÇÃO DE CARLOS RODRIGUES

ORDIGUES (Da T. E.)

4 JULHO 1926

Apuramento do n.º 6 (1.ª SERIE)

COLABORADORES

QUADRO DE DISTINÇÃO

D. GALENO

N.º 7 — 3 votos

N.º 10, de KURITSA.......... 2 votos
» 12, » AULEDO.......... » »
» 11, » ORDIGUES.......... » »
» 6, » LORD DA NOZES .... 1 »
» 5, » REI DO ORCO...... » »

DECIFRADORES

QUADRO DE HONRA

MAMEGO, D. GALENO, DAMA NEGRA, MARIANITA, DR. DA MULA RUÇA,

Com 13 decifrações (Totalidade)

QUADRO DE MERITO

VISCONDE DA RELVA, LORD DÁ NOZES, D. SIMPATICO, VIRIATO SIÕES (9), AVIEIRA, DROPÉ (7)

OUTROS DECIFRADORES

KURITSA, 1

DECIFRAÇÕES

CHARADA A PREMIO -Noveleiro. 1—astrologo, 2—Semantice, 3—magana, 4—regato, 5—*extasiar*, 6—*peregrinador*, 7—*PELITRAPO*, 8—comica, 9—cruel, 10—*milvina*, 11—*fumoso*, 12 *china*, 13—calhoada.

PRODUÇÃO MENOS DECIFRADA

N.º 13, de MARIANITA, com 4 decifradores.

DEDICATORIAS

KURITSA e AULEDO, decifraram o que BAGULHO e KURITSA lhe dedicaram.

DECIFRADORES DA CHARADA A PREMIO

AULEDO, BAGULHO, DAMA NEGRA, DR. DA MULA RUÇA, KURITSA, LORD DA NOZES, MAMEGO, MARIANITA

SORTEIO

O premio será sorteado pela loteria da Santa Casa da Misericordia de Lisboa de 10 de corrente, cabendo a cada um pela ordem porque vão acima designados, 1187 numeros, ficando sem efeito os numeros 9497 a 9500.

ERRATAS DO N.º 9 1.ª SERIE.—Na charada em frase n.º 7 onde se lê 3—2 leia se 2—2. Na charada n.º 9 onde se lê *funesto!* leia-se *desgraça!*

CHARADAS EM VERSO

1) Oh, como é linda a terra onde nasci,
numa casinha branca como a neve!
Que de avezinhas com seu canto breve
que maravilhas! Coisa assim não *vi*.—1

Na fresca relva dos seus prados, ri
a bela vida. Lá minha alma teve
a paz bemdita; e o meu coração deve
á minha terra; tudo o que aprendi.

E que saudades tenho *eu* hoje dela,—1
do ribeirinho de agua pura e bela
nas tardas quentes que o verão encerra...

¿E a ermidinha, com a virgem santa?
Até dá graça; que beleza tanta!...—1
Oh, como é *«linda»* a minha bôa terra!...

Lisboa — JAMENGAL

(Aos amigos Kuritsa, Auledo e Lohengrin)

2) Eu quiz um dia matar,
dentro do prazo legal,
um logogrifo tão duro,
como inda não vi *igual*.—1

Dei-lhe voltas sobre voltas,
mas decifra-lo... *isso sim!*—1
Matutei em vão, e tive
de abandona-lo, por fim.

Entretanto, veio a lume
a sua decifração
que me fez quasi morrer
de vergonha, e com razão,

Pois não conseguira achar
(imaginem os senhores)
esta ninharia: *a pele
com que se cobrem tambores!*

Lisboa — BAGULHO

3) Vi [illegible] —1
um homem *ficar* inchado—2
calçado com grandes botas
a *transpirar* de cançado.

Lisboa — LORD DÁ NOZES

CHARADAS EM FRASE

4) *Verguei a cabeça*, até aos pés, e me chamaram *hipocrita*.—2—2.

Lisboa — D. SIMPATICO

(Oferecida ao ilustre Bagulho)

5) Um sujeito de certa *importancia*, encontrando-se com uns vigaristas, caiu no *laço* como qualquer *rustico*,—2—1

Lisboa — AFRICANO

6) Estive em França, e *«lá»* pela minha *incumbencia*, verifiquei que havia de resultar a *perda* do imperio alemão.—1—2

Lisboa — AVIEIRA

7) Tinha uma *inteligencia* rara para o *jogo*, o *sacristão*.—2—2

Lisboa — MARIANITA

8) O senhor, *acima* de tudo deve *chamar a* juizo, o homem que nos pretende *provocar*.—1—2.

Lisboa — VIRIATO SIMÕES

9) *Por* causa da *riqueza no trajar*, tornei-me *fastidioso*.—1—2

Lisboa — VISCONDE DA RELVA

10) O inverno *é além* de triste, muito desagradavel para os desprotegidos da *«sorte»*, porque expostos ao frio e á chuva sofrem *extraordinariamente*.—2—3

Lisboa — OÇALOC

11) *O mais antigo legislador das Indias*, fez com valor um bonito *cabo de instrumento*.—2—2

Lisboa — REI DO ORCO

CORREIO.—ADALBERTO BECO.—As letras a que se refere, são as iniciais das agremiações charadistas a que esses colaboradores pertencem. E colaboração?
VIRIATO SIMÕES.—Recebi e agradeço.
D. SIMPATICO.—Idem, idem.
LORD DA NOZES.—Recebi o seu trabalho, mas não posso satisfazer o seu pedido, por não ter enviado as decifrações parciaes e total, que espero não demorará.

ORDIGUES

EXPEDIENTE

O prazo para a recepção de decifrações é, *rigorosamente*, de 15 (quinze) dias. Todos os decifradores que atingirem *pelo menos* 50 % das soluções *devem indicar a produção que mais lhes agradou* neste numero. Os colaboradores devem mencionar os dicionarios onde se verificam (*rigorosamente*) os *conceitos parciais* e os *conceitos totais* dos seus trabalhos.

Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a R. de Pedro Dias, 15, 4.º Esq.—Lisboa.

MUITO IMPORTANTE—Serão anuladas, *sem distinção*, todas as listas que, *contendo pelo menos* 50 % das decifrações, não tragam a *votação* do melhor trabalho publicado.

CAMPO PEQUENO

A tourada do dia 27 não desagradou; a concorrencia foi diminuta, os touros cumpriram com o seu dever..., o espada Emilio Mendez foi muito aplaudido, o seu colega «Armillita» aplaudidissimo, Antonio Luiz Lopes e D. Ruy da Camara tiveram as honras da tarde no toureio a cavalo e o forcado Edmundo de Oliveira executou uma pega valentissima. Eis os pontos mais interessantes da corrida. Agora, vamos á surpreza que provocou a seguinte «bronca», altamente engraçadissima:

Quando o director da lide, o ex-bandarilheiro Manuel dos Santos, ordenava ao cavaleiro Rufino da Costa para abrir a corrida, ouviu-se a distancia a voz possante do sr. Segurado, exigindo que o primeiro touro fosse lidado a «duo» por aquele cavaleiro e Elmino Teixeira. Manoel dos Santos ergue-se do seu logar e faz sentir ao sr. Segurado que não é logico a corrida abrir com dois cavaleiros; o Sanches florista protesta, «a seu modo», contra a atitude do sr. Segurado. Este senhor, que se encontrava junto da autoridade, não permite o inicio da corrida sem que seja satisfeita a sua vontade; o publico mostra-se aborrecido e manifesta-se contra a empreza, e Manuel dos Santos, que só tinha um caminho a seguir: obedecer á sua consciencia, ordena ao cavaleiro Elmiro que vá tourear; este discorda e não obedece—e com razão—e enquanto esse «quartetto»—Segurado, Manoel, Sanches e Elmino—discute e o publico reclama o começo da lide, o sr. Segurado, a pé firme e renitente, brada energicamente do seu logar, lá de longe: «Este programa tem que ser cumprido, porque quem o manufacturou foi O Menino do Castelo, que tem dedo para estas cousas». O publico fica em silencio, o director da corrida senta-se e obedece, o Sanches curva-se, o Elmino monta e a corrida começa...

E depois, como um disparate nunca vem desacompanhado, e para o espectaculo findar como começou, o sr. Segurado determina ao diretor da corrida que os mesmos cavaleiros lidem o ultimo touro, tambem «a duo...» e cumpriu-se!

Manda quem pode, obedece quem deve...

ZÉPÉDRO

* * *

Detalhe da corrida, de hoje, no Campo Pequeno

1.º touro para—Simão da Veiga Junior
2.º » » —Alternativa de Mario Lopes
3.º » » —José Tanganho
4.º » » —Espadas *Marcial Lalanda* e *Emilio Mendez*
5.º touro para—Antonio Luiz Lopes

INTERVALO

6.º » » —Simão da Veiga e José Tanganho
7.º » » —Antonio Luiz Lopes
8.º » » —Bandarilheiros

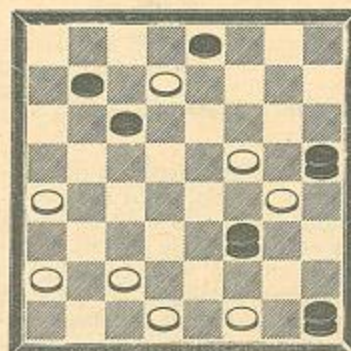
* * *

Este programa pode ser alterado por qualquer motivo imprevisto.

solução do problema n.º 75

	Brancas	Pretas
1	10-17	21-14
2	23-26	30-23
3	11-15	18-11
4	2-7	11-2 (D)
5	20-24	27-20
6	12-16	20-11
7	1-6	2-9
8	13-2-16-30-21-10	
	Ganha	

PROBLEMA N.º 76

Pretas 3 D e 3 p.

Brancas 8 p.

As brancas jogam e ganham. Subentende-se que as casas tracejadas são as brancas.

Resolveram o problema n.º 74 os srs.: Alfredo Costa (Barreiro), Alvaro dos Santos, Armando Pinto Machado, Ilhavo, Artur Santos, Augusto Teixeira Marques, Barata Salgueiro, Bemfica; B. Leiria, Leiria; Carlos Gomes, Bemfica; D. Emilia de Sousa Ferreira, Espectruz, José Reis, Maximo Jordão, Sueiro da Silveira, Victor dos Santos Fonseca, Virgilio Teixeira Lópes.

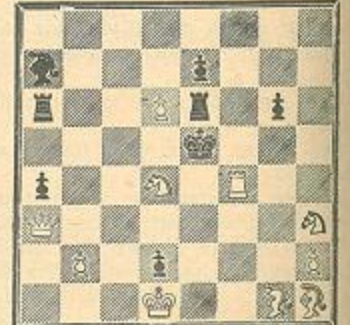
Problema hoje publicado foi-nos envĭado pelo nosso conhecido anonimo «Neulame» Figueira da Foz.

Toda a correspondencia relativa a esta secção, bem como as soluções dos problemas, devem ser enviadas para o «Domingo Ilustrado», secção do *Jogo de Damas*. Dirige a secção o sr. João Eloy Nunes Cardozo.

A correspondencia sobre esta secção póde ser dirigida a Pereira Machado, Gremio Literario, Rua Ivens, n.º 37

PROBLEMA N.º 76

Por G. Heathcote 1.º premio (1890)

Pretas (8)

(Brancas (10)

As brancas jogam e dão mate em dois lances.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 74

1 D. 6 R

Este problema apresenta um tema designado com o nome de «Pickaninny Pins» (negrinhos pregados), ou, por abreviatura, tema «Pickapins»: um ou mais pares de peões pretos—dois neste problema, um horisontal e outro vertical—interpostos entre o Rei preto e uma peça branca que os prega, de forma que a meia-pregagem de peão, tornando-se pregagem completa quando o outro do mesmo par joga, origina para cada caso um mate diferente.

Resolveram os srs.: Nunes Cardoso, Rev. Marques de Barros, Ruy Casal Ribeiro, Club Portuense Porto, B. Leiria, Leiria; Rôcôhô, Coimbra, Vicente Mendonça, Prof. Sueiro da Silveira, Maximo João e Manuel Lajar Nunes.

VARIA

Secção dirigida por ORDIGUES

Nota importante.—Toda a correspondencia relativa a esta secção deve ser endereçada ao seu director e remetida para a RUA PEDRO DIAS, 15, 4º ESQ. LISBOA

As decifrações do problema hoje publicado, devem ser enviadas, O MAIS TARDAR, até ao PROXIMO SABADO. A solução do problema do numero anterior sairá no proximo numero, bem como o QUADRO DE HONRA.

QUADRO DE HONRA

Menina Xó, Rei Absoluto, Adalberto Béco, Lolita dos Caldos, Nónó, José Reis, Dois principiantes, Piricata, Auledo, Gastão de Bianchi, Doentio, Spartanus.

DECIFRAÇÕES DO N.º 75

HORISONTAIS — 1 Artimanha, 9 cair, 10 soar, 11 ála, 12 ira, 13 tara, 15 ateu, 16 adão, 17 sent, 18 vá, 19 rãs, 21 só, 22 atrás, 24 viandar, 26 passeador.

VERTICAIS — 1 acatava, 2 ralada, 3 tiara, 4 ir, 5 as, 6 noite, 7 harens, 8 aráutos, 14 aortas, 15 assada, 20 arne, 22 ais, 23 sad, 24 vá, 25 ró.

PROBLEMA D'HOJE

Original do ilustre colaborador REI ABSOLUTO, oferecido ao DOMINGO ILUSTRADO e ao DR. FANTASMA.

HORISONTAIS—1 extremidade (anatomia), 2 pausa, 3 nome de mulher, 4 recinto interior da casa, 5 resultar, 6 fruta, 7 provincia da Italia antiga, 8 asa (militar), 9 assanhos, 10 anagrama de util, 11 aneis, 12 vulcão de lama, 13 alcaloide, 14 roe, 15 ensina, 16 queimado, 17 confundir, 18 ausencia de guerra, 19 vagueara, 20 calçado (pl.), 21 nome de mulher, 22 anagrama de tenor, 23 estorvar, 24 estanho fino, 25 espinho, 26 recurso, 27 carnivoro (fem.) 28 doença, 29 compostos de iodo, 30 pretexto, 31 alem, 32 pregas, 33 via, 34 relativo a oasis (fem.), 35 saudação.

VERTICAIS —1 nocivo, 2 fluido espalhado por todo o universo, 3 tempo, 9 engodo. 11 uma côr, 15 enganar, 24 fruto, 28 abundancia, 30 membro, 36 veste, 37 flechas, 38 colica, 39 tenor celebre, 40 acrescenta, 41 do feitio do ovo, 42 amarra, 43 castigos, 44 secular (fem.), 45 metaloide sólido e brilhante, 46 caixa dos ossos, 47 autor duma opera italiana, 48 coloquio entre noivos, 49 venera, 50 fluido aeriforme, 51 moeda da India Portuguesa, 52 anagrama de azar, 53 encontra, 54 da morte (em latim), 55 com asas (fem.), 56 côa, 57 cinco letras de numero, 58 cerimonial, 59 mentira (calão), 60 planeta, 61 poesia heroica.

CORREIO

ADALBERTO BÉCO.—Tem V. Exª muita razão, mas espero resolver esse assumpto publicando uma lista dos dicionarios por onde se verificaram (sem excepção) todos os vocabulos empregados nos problemas. Recebi o seu trabalho, e espero mais alguns que serão bem recebidos.

REI ABSOLUTO.—Muito agradecido pelas suas boas palavras que não mereço. Recebi os seus trabalhos que muito agradeço.

PIRICATA.—Seja bem vinda. Pelas decifrações que mandou, se vê que ha competencia; portanto não desanime e continue.

JOSÉ REIS.—Recebi o seu problema. É pena não ser feito em papel branco, e a tinta da China como manda o regulamento, mas espero me enviará outro desenho, para então ser publicado.

DOIS PRINCIPIANTES.—Agradeço reconhecido as palavras dos ilustres confrades, que são desmerecidas. Dos seus trabalhos não recebi nenhum; espero que os tornarão a enviar nas condições regulamentares.

Quanto a mestre... Onde está o gato?...

DOENTIO.—Recebi. Está bem, e pode enviar mais.

ORDIGUES

IDIOTA POR DIETA

CONTINUAÇÃO DA PAGINA 7

moria que viera fazendo pelo caminho, ou emfim pela comoção de ter de fazer o pedido deante de mim, titubeou:

—Dê-me um tubo de lacto, de lacto sim... lacto... sim, sim... e não passava d'isto.

Até que o empregado com pressa o despachou:

—Lacto sim, não, não temos e virou-se para outro freguez.

Inocencio vexado, nem me olhou; saiu apressadamente com o ar aturdido d'um autor dramatico em dia de premiere tempestuosa.

sai aos pulmões, ao coração, ao estomago.

D. Balbina em ultimo recurso apresentou-lhe um prato predileto,—feijão verde temperado—mas Inocencio exclamou horrorisado:

—Isso não filha; vai á aorta...

—O' homem pois de lá venho eu agora...

—Eu falo da arteria, emendou ele; era um perigo comer agora isso, não poderia fazer o chylo...

—Tambem não digo tanto; um kilo era caso para uma indigestão, mas ao menos umas colhersinhas. Que afinal isto não terá mais que duzentas gramas, se tanto...

—Escusas de teimar, tornou o Inocencio, emquanto eu tiver as areias na bexiga não como legumes...

—Sim lá areias tens tu com fartura, concluiu desesperada D. Balbina.

* *

Quando ultimamente fui a casa do Inocencio encontrei-o cadaverico. Não dizia coisa com coisa; estava já meio idiota de tanta droga qne tomára.

É sempre agarrado aos livros, sempre rodeado de frascos, de remedios, de caixas, de prospetos, de revistas.

D. Balbina suplicou o meu conselho.

O medico tinha visto o Inocencio; tinha-o achado excessivamente fraco; com os varios orgãos depauperados, enfraquecidos; ordenára uma dieta rigorosa e receitára as varias drogas que as varias miudezas avariadas do Inocencio reclamavam: digitalina para o coração, urotropina para os rins, panglandine, piperasina, pancreatina, tricalcinia, emfim uma tal coleção de inas que o farmaceutico ao vê-la até lambeu os beiços. O medico acrescentara tambem que o estado era grave e lhe parecia melhor fazer uma conferencia.

Eu concordei. Para distrair o doente não será mau, principalmente se fôr uma conferencia humoristica.

O que me rala mais, lamentou D. Balbina, são aquelas manchas, aquelas nodoas que ele tem na pele. O medico diz que é do figado e receitou-lhe, pabilina e hepatina.

—Oiça, minha senhora, interrompi parece-me que para as nodoas ainda o que ha de melhor é a benzina, mas deixe-me que lhe dê tambem o meu conselho e faça as minhas prescrições para o tratamento do seu doente.

Ela olhou-me esperançada.

—Quando ele se deitar a D. Balbina pêga em todos aqueles livros, folhetos, prospetos e receitas; em todos aqueles frascos e todas aquelas drogas e coloca-os em logar inacessivel ás vistas do Inocencio. N'uma palavra, de fórma a que o seu marido nunca mais lhes ponha a vista em cima. E vamos a ver o resultado.

De facto D. Balbina cumpriu á risca esta receita e quando d'aí a 15 dias lá fui, o Inocencio, sorridente e com um esplendido apetite, sem se lembrar que tinha orgãos, atacava corajosamente uma mayonnaise de lagosta.

AUGUSTO CUNHA

Actualidades gráficas

NO CONCURSO HIPICO

O chefe do governo, acompanhado do general Pedrosa, ministro da Agricultura, e do seu ajudante, ao entrarem na «pelouse» de Palhavã.

O general Carmona, ministro dos Estrangeiros, e uma senhora do corpo diplomatico, em frente das tribunas.

Fortalezas... do sexo fragil!

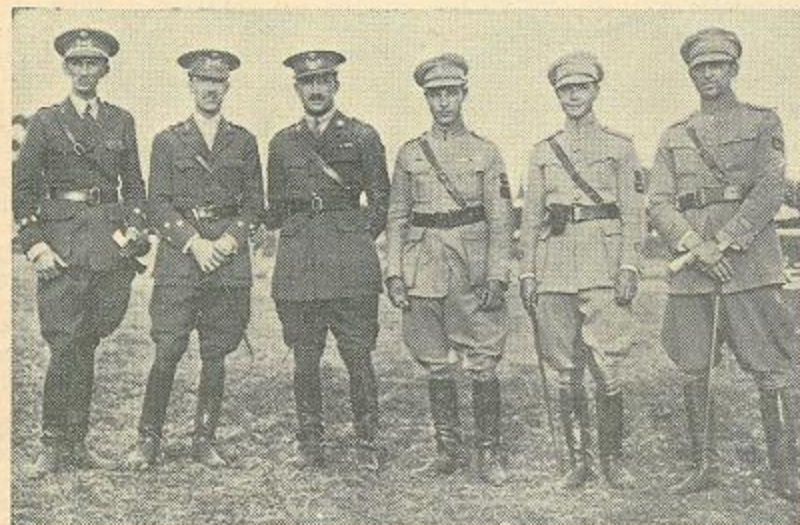
Em cima os «pesos leves» treinam-se para um combate na livre America. Em baixo, os «pezos pezados»—que «demandam pezo», embora com o seu ar de «bébés» gigantes, preparam se tambem para um «match». Nós, que somos de pouco alimento, preferiamos, a fazer alguma coisa, fazer «sport» com as pugilistas de cima . . .

LITERATURA

O ilustre jornalista e novelista Ferreira de Castro, que acaba de lançar, com muito sucesso, numa elegante edição: A Peregrina do Novo Mundo.

NO TEATRO

A grande actriz Ilda Stichini, a quem, com Alexandre de Azevedo, foi cedido o teatro Nacional por uns mezes, tudo fazendo prever que finalmente aquele teatro vae ter de novo a simpatia do publico.

OS GRANDES AZES DO HIPISMO IBERICO

As gloriosas equipes espanholas e portuguesas que disputaram a Taça de Ouro da Peninsula e que foi ganha pelos espanhoes. Da esquerda para a direita: Marquês de Trujillos, D. José Cabanillas, D. Fernando de los Rios, Ivens Ferraz, Buceta Martins, e Helder Martins. Ivens Ferraz ganhou o Grande Premio.

O PRONTO SOCORRO DOS BOMBEIROS AMERICANOS

O engenheiro Harry Rogers na sua viatura liliputiana, com a qual acorre aos incendios, e na qual faz conferencias ensinando os metodos modernos da sua extinção.

O DOMINGO
ilustrado

A MAIOR TIRAGEM DE TODOS OS SEMANARIOS PORTUGUEZES

O DOMINGO ilustrado

ASSINATURAS
CONTINENTE E HESPANHA
ANO — 48 ESCUDOS —
SEMESTRE — 24 ESC. —
TRIMESTRE — 12 ESC. —

ASSINATURAS
COLONIAS
ANO, 52$20 - SEMESTRE, 26$10
ESTRANGEIRO
ANO, 64$64 - SEMESTRE, 32$32

NÃO FAZ CAMPANHAS — PUBLICA TODA A RECLAMAÇÃO JUSTA — NÃO TEM POLITICA

Anita Salambô

A gentil e graciosa estrela do Novo Teatro Variedades, que hoje se inaugura no Parque Mayer, dotando Lisboa como «boite» verdadeiramente parisiense. O «cliché» é uma admiravel foto dos grandes e acreditadissimos «ateliers» de Lisboa, Fotografia Brazil da Rua da Escola Politechnica.

DENTRO: Duas novelas completas, colaboração de André Brun, Thomaz Colaço, Henrique Roldão, Augusto Cunha, Leitão de Barros, etc.